

SBN - Série Depoimentos

Dr. Rubens R.A. Lordello



1) **Até que ponto o fato de ter como tio o Dr. L.G.E. Lordello, grande pioneiro e entusiasta da Nematologia no Brasil, influenciou a sua decisão de estagiar nessa especialidade enquanto estudante de graduação e depois seguir carreira profissional como pesquisador no IAC se dedicando aos fitonematoides? Como isso aconteceu?**

Resumir é difícil porque é muito tempo e se confunde, particularmente, com a minha vida e com a história da Sociedade Brasileira de Nematologia. Tudo começou quando eu tinha 9 ou 10 anos, 1958-59, e visitei o prédio do Dep. de Zoologia da ESALQ, em Piracicaba, com o Prof. Lordello, irmão mais novo do meu pai. Para uma criança, o prédio e o museu de zoologia eram muito grandes e magníficos. O ambiente, solene e circunspecto. Enfim, um mundo maravilhoso. Os professores pareciam oráculos e eram apenas quatro: o catedrático, o Professor Salvador de Toledo Piza Junior, e os demais, chamados de Doutores, o Prof. Adiel Paes Leme Zamith, o Prof. Francisco de Assis Menezes Mariconi e meu tio o Prof. Luiz Gonzaga Engelberg Lordello. Também os funcionários eram apenas quatro: o Sr. Salvador Gorga, o Sr. Abilio Durrer, a Sra. Lázara Sandoval e o Sr. Sérgio Antonio Françoso (ex-jogador de futebol de apelido Foguinho, por ser ruivo), técnico de laboratório de nematologia, auxiliar direto do Prof. Lordello.

Penso que em 1963, houve os meus primeiros contatos com o grande amigo Prof. Ailton Rocha Monteiro, então estudante de graduação, que foi meu professor de matemática quando fiquei em segunda época. Ele montou um enorme aparato hidráulico para oxigenar a água visando à extração de *Pratylenchus* de raízes de milho, se não estou enganado. Nesta época, já tinham sido incorporados ao Dep. de Zoologia o Prof. Carlos H. W. Flechtmann, acarologista, e o Prof. Raul Dantas D'Arce, que iniciou com nematóides, mas optou depois por fisiologia animal.

Minhas visitas ao Departamento se repetiram porque o Prof. Lordello ainda não tinha as filhas e minha mãe costumava ficar com a minha tia Lourdes, para ele poder ir trabalhar à noite. Algumas vezes ele me levava até lá para “ajudar”???. Nos anos sessenta, minha mãe, D. Margarida Machado Albuquerque Lordello, já era funcionária do Dep. de Zoologia e eu, ainda estudante do ginásio, costumava frequentar o departamento; fiz desenhos de aparelhos para livros do Prof. Mariconi e o acompanhava nos experimentos de campo, sendo meu maior interesse dirigir a antiga Kombi da FAPESP. Também iniciei a minha vida editorial ajudando a amarrar com barbante os fascículos da Revista de Agricultura,

para serem enviados como impresso pelos correios. Depois de algum tempo, com a saída do cobrador/ recebedor das assinaturas da revista, ocupei o seu lugar. Por essa ocasião, costumava ajudar meu tio lendo os originais e ele acompanhando nas provas da Revista de Agricultura; merece destaque que a composição era de tipos, letra por letra. Depois que o gráfico corrigia os erros, era feita nova leitura para corrigir os novos erros inseridos pelo gráfico. Bons e saudosos tempos. O Dep. de Zoologia e demais prédios da ESALQ pareciam enormes. Contudo, foram ficando menores quando fui crescendo e me tornando mais velho.

Todavia, apesar de próximo, ainda não tinha adentrado o mundo dos nematoides. Isso só veio a acontecer quando passei no vestibular histórico, pois foi o primeiro feito fora da ESALQ, pelo CESCEM, em 1971. Eu estudava à noite e trabalhava em banco durante o dia; como fui aprovado, o Prof. Lordello avisou a minha mãe que, como ele tinha vários bolsistas, iria contratar-me com bolsa do Instituto Brasileiro do Café, o que exigia a prestação de serviços. Assim foi o meu ingresso formal na Nematologia, no primeiro ano do curso de graduação na ESALQ. Interessante registrar que o Osvaldo A. Piccinin e eu passamos esse ano todo na biblioteca procurando trabalhos sobre nematoides em cafeeiro no Helminthological Abstracts, pois o Prof. Lordello estava se preparando para escrever capítulo sobre esse tema no conhecido livro Economic Nematology.

Na ocasião, eram estudantes-bolsistas o Wilson R. T. Novaretti, o Osvaldo A. Piccinin e eu. Penso que a Prof^a Marineide Mendonça Aguilera ainda era orientada do Prof. Lordello nessa época. Depois vieram outros como o Prof. Raul Machado Neto (atualmente, professor do Departamento de Zoologia na área de fisiologia animal), o nematologista Dr. Rui Gomes Carneiro, o Prof. Luiz Carlos C. B. Ferraz, o já falecido Prof. Anário Jahen, o Dr. Francisco Carneiro Filho do Instituto Brasileiro do Café, sediado em Maringá, e outros que a minha memória involuntariamente está omitindo.

Com a graduação do Novaretti, tornamo-nos bolsistas da Copersucar, o Osvaldo e eu. Assim, concluí a graduação em 1974 e passei a procurar emprego como nematologista. Apesar da ajuda do Prof. Lordello foi difícil, pois muitos engenheiros agrônomos ainda “não acreditavam em nematoides”, e isto não é retórica, ouvi pessoalmente várias vezes, algumas veladamente.

Fui convidado pelo Dr. Alcides Carvalho, por intermédio do Dr. Luiz Carlos Fazuoli, para trabalhar na Seção de Genética do Instituto Agrônomo de Campinas com nematoides do cafeeiro. Não aceitei porque seria como bolsista do Instituto Brasileiro do Café, sem contar tempo de serviço e sem segurança (as bolsas no final do ano atrasavam na renovação do convênio). Enquanto isso, prestei concursos para outras áreas no Instituto Agrônomo, Instituto Biológico e Instituto de Zootecnia; fui aprovado em todos, mas só classificado na Zootecnia, dentro do número de vagas disponíveis.

2) Você e o Dr. Rui G. Carneiro (Iapar) foram estagiários na ESALQ à mesma época e iniciaram as carreiras quase ao mesmo tempo. Daí, repito pergunta feita a ele. Em termos de dificuldades e facilidades encontradas para se pesquisar sobre nematoides, qual comparação você faria entre os dias atuais e a época em que iniciou a carreira?

Outra resposta longa. Após a conclusão do curso de Agronomia, fui convidado pelo Dr. Alcides Carvalho para trabalhar no Instituto Agronômico de Campinas com bolsa, sem contrato, o que não aceitei. Ao mesmo tempo, prestei concursos no início de 1975 e fui classificado no Instituto de Zootecnia para uma das vagas na Seção de Sericicultura, sendo designado para a Estação Experimental de Gália (a galha é mera coincidência), onde nunca atuei, porque fiquei em treinamento em Campinas. Durante a minha admissão, ocorreram mudanças no governo e nas diretorias dos institutos estaduais de pesquisa. Nesse tempo, minhas tratativas para trabalhar com o Dr. Alcides evoluíram e ele pediu a minha transferência para trabalhar com nematoides no IAC. O novo diretor do Instituto de Zootecnia, Dr. José Vicente Silveira Pedreira, ao receber o pedido, sabedor da minha experiência como estagiário do Dep. de Zoologia, decidiu realocar-me para estudar pragas de pastagens na Estação Experimental de Nova Odessa, que depois concretizou o sonho do Instituto de Zootecnia de transferir sua sede do Parque da Água Branca, em São Paulo, para o interior do estado.

Após alguns meses, fui informado pelo Dr. Alcides de que o meu pedido de transferência fora recusado. Pensei e decidi, então, que queria trabalhar só com nematoides; conversei com o Dr. Alcides que disse ainda haver bolsa disponível para mim e fui conversar com o Dr. Pedreira, inclusive para pedir demissão, mas ele finalmente aceitou me transferir. No IAC, no mês de novembro, iniciei minhas atividades na Seção de Genética, sob a chefia do Dr. Alcides Carvalho, trabalhando com nematoides do cafeeiro.

Começaram ali as dificuldades, com a busca das ferramentas mínimas para poder trabalhar. Pode parecer brincadeira, mas emprestei da minha mãe, em caráter definitivo, uma tesoura (!!), tal era a carência de materiais. Naquele tempo, tudo que era de metal era “material permanente”, difícil de comprar e exigia verba específica. Como acontecia com todos, foram o Prof. Lordello, o Prof. Ailton e o Dep. de Zoologia que forneceram alguns materiais iniciais e outros produtos, sempre que havia disponibilidade.

Não posso deixar de registrar que o Prof. Lordello trabalhou, penso que por três ou quatro anos, no Instituto Agronômico, em Campinas, no início dos anos cinquenta e nessa ocasião adquiriu um lote de siracusas, que consegui localizar na então Seção de Entomologia e me foram transferidas, a maior parte ainda na embalagem original, isso ao redor em 1978. Quando saí em 2008, muitas ainda estavam em uso. Nós as tratávamos como relíquias.

3) Você se dedicou primeiro aos nematoides do cafeeiro e depois, entre outros temas, passou a estudar os nematoides do milho. Quais os principais resultados obtidos nessas linhas de trabalho? O que o levou a se definir por essas linhas mestras de pesquisa?

Eu fui para o Instituto Agronômico para trabalhar como nematologista do café, mas a demanda por assistência nematológica nas culturas era muito grande. Assim, para não ficar restrito aos nematoides do cafeeiro e para atender a política do instituto, fui transferido para a Seção de Fitopatologia, sendo criado o Laboratório de Nematologia, unidade informal sediada no prédio da Seção de Café.

Nesse período, trabalhamos também com os nematoides do algodão, soja, mandioca, banana, hortaliças e eventualmente com os de outras culturas, sempre motivado por uma demanda, seja de agricultores ou pesquisadores.

O milho constitui capítulo à parte, pois era um programa coordenado pela Dra. Ana Ines Lucena Lordello, pesquisadora da Embrapa, Centro de Milho e Sorgo, que em 1979 veio para o IAC, por união de cônjuges. Começamos então alguns trabalhos com *Pratylenchus*. Uma dúvida nos acompanhava desde os tempos de estudante de graduação, o fato de o milho no Brasil ser tido como não hospedeiro de *Meloidogyne*. Até que um dia o Dr. Walter Trevisan, melhorista da Cargill, apareceu com algumas plantas de milho que não se desenvolveram no campo. Tempos difíceis, mas, quase por acaso, tínhamos uma solução do corante Phloxine B preparada e a Dra. Ana Ines colocou as raízes de uma planta na solução. Após cerca de uma hora fomos verificar e assustamo-nos com o número de massas de ovos coloridas que víamos.

Para esclarecer a aqueles que não viveram essa época, lembramos que Phloxine B era mais caro que ouro. A sua importação, dispendiosa e demorada. A mesma explicação vale para as peneiras, importadas e caras. No dia a dia, usávamos a de 200 mesh, pois as de 325 ainda estavam aparecendo. As peneiras 200 seguravam os *Pratylenchus*, mas não os juvenis de *Meloidogyne*, o que explicava a crença ‘do não parasitismo dos nematoides de galhas ao milho’ no Brasil. Aí teve início o nosso programa de nematoides de galhas do milho, em que estudamos vários aspectos da interação milho-*Meloidogyne*.

Mais tarde, participamos da primeira identificação de *Heterodera glycines* em soja no Brasil. Sempre atendendo demanda de agricultor/pesquisador para resolver um problema.

4) Você é sócio-fundador da SBN e exerceu várias funções dentro dela, inclusive a presidência. O que representou tal experiência e qual relevância atribui a essa entidade frente ao crescimento e à consolidação da Nematologia de Plantas no País?

A SBN foi fundada em fevereiro de 1974 e, no meu entender, constitui o maior marco coletivo na área de nematologia agrícola no Brasil. Pois, além de aglutinar os nematologistas, permitiu o surgimento de uma publicação específica para os trabalhos com nematoides, tudo acompanhado do ambiente favorável ao crescimento da ciência no país e possibilitando a troca de informações entre os praticantes dessa arte.

Na fundação da SBN, poucos eram os nematologistas; ela foi articulada pelo Prof. Lordello a partir de uma reunião realizada na ESALQ com a presença de alguns profissionais ligados aos nematoides, simpatizantes e um grupo de extensionistas. Dois estudantes foram sócios-fundadores: o Dr. Wilson Novaretti e eu. O primeiro presidente foi o Prof. Lordello e o secretário-tesoureiro foi o Prof. Ailton, a quem eu ajudava. Tenho a honra de ter transcrito a ata de fundação. Em seguida, exerci o cargo de secretário-tesoureiro por nove anos, três mandatos sucessivos, pois era cargo de escolha do presidente (trabalhei com os presidentes Sérgio Monteiro Curi, Benedito Vasconcelos Mendes e José Júlio da Ponte). Depois, fui duas vezes vice-presidente organizando dois congressos, Conselheiro e Editor. Enfim,

exerci todos os cargos da SBN, até com sacrifício para cobrir necessidades do momento. Penso que dediquei cerca de trinta anos a SBN.

5) Aposentado, você se dedica agora a uma carreira de advogado. Como foi essa mudança? Nessa nova condição, de algum modo tem ainda contacto com a Nematologia ou se interessa e acompanha os fatos ligados a ela?

Aqui, como advogado, também aparece a influência do Prof. Lordello. Explico: no final da vida, quando conversávamos, ele reclamava da vista ao trabalhar no microscópio. Eu fiquei com essa ameaça de diminuição da visão com a idade na minha consciência.

Então, ao redor de 1989/91, estávamos no saguão da já Seção de Nematologia Agrícola, no prédio da Seção de Café do IAC, quando recebemos a visita de um senhor simpático e falante. Ele estava procurando a Seção de Café para comprar sementes e foi logo contando sua história: tinha 86 anos, advogado e fazendeiro, estava voltando de Limeira, onde fora cuidar do inventário de um amigo. Disse mais, como o preço do café estava baixo, fazia alguns anos o filho, que cuidava da fazenda, vinha eliminando os talhões de café para plantar pasto. Ele avisara o administrador e o filho que não deveriam eliminar um talhão próximo da sede, mas, como todos os filhos, o dele o desobedeceu e eliminou o cafezal. Ele nos contou que despediu o administrador, por desobedecer as suas ordens, brigou com o filho e assumiu a fazenda. Aí, senti o empurrão final para o Direito, área que nos permite exercitar produtivamente a mente sem limite de idade. Agora, em contato com os colegas aposentados, vejo quanto isso é importante para a saúde mental.

Ainda tenho interesse por nematologia agrícola, como curiosidade. Fiquei cinco anos no IAC após a aposentadoria, como voluntário, trabalhando meio período, mas encerrei minhas atividades em 2008; agora, só falo de nematoides com saudade. Entendo que perdi a competência técnica no estado de arte atual da ciência. Afinal, não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo e, atualmente, a advocacia ocupa todo o meu tempo, com a vantagem de eu começar a trabalhar ao redor das dez horas da manhã, apesar de algumas vezes a jornada durar até as 19h. Também tenho cargos não remunerados em associações e na creche Lar Escola Jesus de Nazaré, mantida pela Loja Maçônica Independência de Campinas.

Como diria meu tio, o Dr. Lordello, mestre inspirador e professor: “Foi bom poder trazer essas achegas da história. Espero que sejam úteis. Tenho dito”.

(depoimento prestado durante a segunda quinzena de janeiro de 2012)